



VELHICE E MORTE NA LITERATURA PARA CRIANÇAS: APONTAMENTOS SOBRE O QUE E COMO SE ENSINA A ELAS

Rosa Maria Hessel Silveira - UFRGS
CNPq

Resumo: Partindo da constatação de que a abordagem da morte constitui um dos temas mais difíceis na literatura infantil, o trabalho tem como objetivo analisar a forma como a morte dos avós vem sendo trazida à infância brasileira deste início do século, em 14 títulos infantis de autores brasileiros. O trabalho conta com o aporte de alguns estudos anteriores como de Díaz (1996) e Paiva (2008), que fizeram análises sobre o tema em outros agrupamentos de livros. As análises efetuadas mostram que se esboça, na maioria das obras, um panorama de convívio prazeroso e rico entre avós e netos, através de histórias e outras práticas compartilhadas, sendo a morte mencionada com economia, às vezes de forma eufemística, sem menções a sofrimento ou agonia. As explicações adultas sobre a morte, nas narrativas, também se dividem em abordagens naturalísticas, místicas ou metafóricas, contando apenas com a ousadia de um ou outro autor para questioná-la mais diretamente. De certa maneira, a separação contemporânea da sociedade em relação à morte parece se reproduzir também nos livros para crianças, mesmo quando ela é tomada como temática central.

Palavras-chave: literatura infantil – morte – leitura.

Ler sobre a morte é vivê-la por antecipação, é crescer um pouco mais, internamente, para estar preparado para sua vida. (DÍAZ, 1996, p. 9)

Na nossa civilização ocidental e, mais ainda, na contemporaneidade, em que a morte foi exilada para dentro dos hospitais, higienizada e afastada da vida – embora seja, desta, a única certeza – a abordagem da temática “morte” na literatura infantil pode parecer estranha, funérea ou extemporânea. Como assevera Elias (2001, p. 97) “Tudo isso [o aumento da expectativa de vida, e as mudanças sociais mais amplas] contribui para empurrar a agonia e a morte mais que nunca para longe do olhar dos vivos e para os bastidores da vida normal nas sociedades mais desenvolvidas.” Dentro desse quadro, estudar o que autores de livros para crianças vêm escrevendo e as editoras vêm publicando sobre o tema, talvez suscite desconforto e fuga. Entretanto, é a partir de uma trajetória de estudo sobre literatura infantil e temáticas “difíceis”, em que também temos atentado para a conhecida oscilação que se observa entre intuítos francamente pedagógicos e formativos, de um lado, e uma abordagem literária, de outro, fugimos a esta quase natural repulsa pela temática e nos propomos, no

presente texto, a trazer alguns apontamentos sobre como a morte – em especial, a morte das personagens velhas – vem sendo tematizada em livros de autores brasileiros voltados para alunos de anos iniciais do ensino fundamental.

Organizamos o texto polifonicamente: iniciamos convocando vozes de estudiosos que, em diferentes momentos e com diversos objetivos lançaram um olhar sobre o tema da morte na literatura (infantil, juvenil ou não adjetivada), frequentemente conectada com o tema da velhice. Estas vozes nos auxiliam a olhar os quatorze títulos que foram escolhidos para análise, pelo critério de apresentarem a morte (de velhos) como tema central de suas narrativas ou como uma menção de alguma importância no desenvolvimento da narrativa. Ou seja: na segunda parte do trabalho, contamos com as vozes destes autores e ilustradores que tematizaram ficcionalmente a morte do sujeito velho, para compor um painel de como o tema vem sendo trazido à infância brasileira deste início do século.

Um pouco do que dizem autores sobre o tema

Neri e Nogueira (1994), em contribuição que nos interessa, analisaram 35 livros infantis, publicados até 1994, indicados por professores como trabalhados em suas aulas, sem uma específica focalização na velhice e na morte. Seu objetivo era “identificar significados associados à velhice” no que elas chamam de textos e que são, efetivamente, obras completas, a partir da análise dos personagens velhos¹, contabilizados em 63. Elas sintetizam os temas que associaram aos personagens velhos (sabedoria, isolamento, despersonalização e perdas) e interessa-nos referir seus achados em relação à questão da morte-velhice.

A morte de idosos só aparece em 11,5% dos textos, associada à transmissão de um legado espiritual ou material, lembrando a temática do idoso como elo entre as gerações e fonte de referência cultural. Os velhos morrem em decorrência da passagem do tempo e da senilidade, de forma natural, calma, sem dor e sem sofrimento. (Idem, p. 56)

Tal conclusão, assim como algumas outras, pode ser conectada a algumas representações dos livros mais recentes que analisamos e cujos títulos não coincidem com a amostra analisada pelas autoras.

Outro estudo, com caráter mais panorâmico, também nos fornece subsídios para o exame de nosso tema. Paiva (2008) realizou extenso exame dos 1735 títulos inscritos por diversas editoras para o PNBE (Programa Nacional da Biblioteca na Escola) 2008, dos quais

¹ Pode ser surpreendente verificar que as autoras não usaram o conceito de “personagens”, mas sim de “idosos”, como se as personagens correspondessem a “pessoas reais”. Possivelmente isto se deva à metodologia utilizada.

1168 foram apresentados para os anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisadora efetua três agrupamentos temáticos, inserindo no terceiro agrupamento – o dos “temas delicados”, a temática da morte e constatando que apenas 3% dos títulos inscritos poderiam ser aí classificados. Afirmam a autora (PAIVA, 2008, p. 46), que “desses [livros do terceiro agrupamento], a morte é o tema mais abordado (12 títulos)” E ela prossegue (p.47):

Ao realizarmos uma primeira leitura dos doze títulos que tratam da morte é possível constatar que, por trás de todas as histórias narradas, há uma única e grande história, a do pequeno ser humano em contacto com a finitude da vida. Entretanto, constatamos, também, que metade deles se refere à morte de avós, indicando, de certa maneira, uma tendência de se privilegiar uma morte “natural”, já que são velhos e chegou a hora, mas, em geral, conseguem se despedir e deixar boas lembranças e ensinamentos para os pequenos que ficam.

A morte associada à finitude das gerações mais velhas, em especial dos avós, que seriam os representantes familiares dessa geração para as crianças leitoras, é uma tendência que norteou a nossa escolha. Outras questões trazidas pela autora também nos inspiraram para a análise. A questão do gênero da autoria – ela constatou uma predominância masculina entre autores das obras sobre morte – e a predominância de uma perspectiva que ela chama de “mística” serviram de mote para algumas de nossas análises.

Colomer (2003, p. 265), importante crítica do campo da literatura infantil, efetuou uma detalhada análise de 150 obras consideradas como as melhores publicadas na Espanha para crianças, entre 1977 e 1990, e observou a progressiva “incorporação de temas excluídos até agora dos livros infantis por sua inadequação à etapa da infância”, “por sua dureza ou complexidade moral” (p. 277). Assim, já para crianças de 5 a 8 anos, ela detecta a presença de abordagem do tema da morte, mas tal presença é mais forte para leitores de 12-15 anos, em que ele é tratado em uma perspectiva mais realista..

Aguiar (2010) efetua um interessante percurso por textos significativos da literatura ocidental e a presença da temática da morte neles, a partir da concepção de que há (p. 23) “cerca de uma dúzia de temas de interesse humano reincidentes em toda criação literária, e a morte é um deles”. A partir da identificação de que há diversas facetas de representação, nesta literatura não adjetivada, da morte “segundo a realidade vivencial de cada autor, seu contexto de época e seus condicionamentos pessoais” (p. 36), a autora chega à abordagem da morte nos Contos de Fadas, mostrando a sua constante presença, às vezes no desfecho como punição para os vilões (o lobo no Chapeuzinho Vermelho, p.ex.) ou, em outro momento do

enredo, como desencadeador da trama (caso da morte da mãe da protagonista). Afirma a autora sobre a abordagem da morte nos Contos de Fadas (2010, p.38):

Quando alguém morre, a vida transforma-se, novos arranjos familiares e sociais organizam-se, daí derivando problemas e necessidades de soluções. A morte, por conseguinte, assegura a continuidade da vida, quer por lhe dar nova conformação, quer porque os que vão deixar lições que nos ajudam a seguir nosso caminho. Os contos, nesse sentido, são exemplares.

Lotterman (2010) nos traz uma outra abordagem – a questão da morte buscada (o suicídio), na literatura para crianças e jovens, que não constitui nosso tema de interesse. Entretanto, ao referir os estudos de Torres, que pesquisou as formas de desenvolvimento do conceito de morte na criança, Lotterman (2010, p. 43) nos relembra como o conceito de morte envolve as questões da “irreversibilidade (compreensão de que o corpo físico não pode viver depois da morte), não funcionalidade (compreensão de que todas as funções definidoras da vida cessam com a morte) e universalidade (compreensão de que tudo que é vive morre) – tópicos cuja abordagem pode ser verificada nas diferentes narrativas de nossa amostra.

Díaz (1996) é o autor que efetua o trabalho mais detido e profundo sobre o tema “morte” na literatura infantil, a que tivemos acesso. Em extenso e bem informado texto, o crítico venezuelano inicia por discorrer sobre os vários conceitos de morte e sobre as formas e funções que ela teve na história da literatura para crianças: como armadilha e ameaça de uma condenação eterna, dentro de um espírito cristão exacerbado, no século XVII; como presença constante (envenenamento, prova de morte, assassinato, canibalismo...) nos Contos de Fadas “originais”, digamos; como tema “lacrimajante”, o que se pode verificar em “A pequena vendedora de fósforos”, de Andersen; como uma entidade que pode ser “enganada”, na literatura picaresca, e, finalmente, o conceito de morte como algo que atinge os avós. Neste sentido, Díaz (1996, p.8) nos informa:

Enquanto que no século passado e no início deste [séc. XX] não se fazia discriminação entre as personagens de ficção vítimas desta experiência, modernamente é mais frequente encontrar livros que abordam o desenvolvimento do tema a partir dos anciãos. (...) nestes livros, encara-se a morte como um fenômeno natural, como uma etapa a mais da existência a que chegaremos. Não é a morte traumática do suicida, nem o mais lamentável desaparecimento de uma pessoa jovem. É a inevitável consequência do desgaste do corpo quando envelhece.

E prossegue o autor, asseverando que “desta maneira, oferece-se ao leitor a possibilidade de compreender o fenômeno dentro dos limites da normalidade da vida” (p. 8).

Para finalizar este rápido sobrevoo sobre estudos a que tivemos acesso e que tematizam a morte na literatura infantil, referimos o breve texto de Oliveira (2012), que, ao

abordar a velhice, efetua sintética análise de quatro títulos de literatura infantil brasileira (que também não coincidem com nossos títulos), mostrando que, por vezes, a abordagem acaba recebendo uma “conotação poética em muitos textos”, aproximando-se a outras conclusões já citadas.

Findo este panorama, passemos à leitura dos quatorze títulos que selecionamos.

Os avós morrem – lembranças, sentimentos e silêncios

Foram escolhidos, de um acervo maior de pesquisa sobre literatura infantil que conta com cerca de 60 títulos sobre a temática da velhice, uma amostra de 14 títulos de autores brasileiros, em sua maioria publicados na década de 2000, pertencentes a 11 diferentes editoras; as editoras que tiveram mais de um título selecionado foram as Paulinas (3 títulos) e Melhoramentos (2). Entretanto, não houve repetição de autores, o que aponta para o fato de que há uma certa variedade de interessados pelo tema. De forma semelhante ao encontrado por Paiva (2008), cuja lista de livros não foi disponibilizada no artigo, encontramos entre tais autores a presença de alguns nomes já com uma trajetória dentro da literatura infantil, não se tratando de – digamos – autores casuais, fortuitos.

Embora fosse nosso intuito encontrar livros que abordassem a “morte de velhos” de forma geral, não localizamos qualquer título recente que abordasse tal tema e não estivesse conectado à morte dos avós, o que corrobora estudos anteriores e, efetivamente, se alinha à busca de estabelecimento de uma empatia com o leitor criança, que poderá “se enxergar” no personagem criança que se relaciona com o avô. “Avôs e avós”, “Vovô virou árvore”, “Uma vovó italiana”, “Quando vovô virou borboleta”, “O quarto do meu avô”, “O guarda-chuva do vovô”, “Vovô me deu um bolo”, “Vovô foi viajar”, “O ovo e o vovô” são os nove títulos em que uma das palavras vovô-vovó-avô é utilizada e, em três deles, já há uma sugestão da temática e da abordagem: “virou árvore”, “virou borboleta” e “foi viajar”.

Se nos voltarmos para o gênero da autoria, aspecto abordado por Paiva (2008), nossos achados divergem um pouco, na medida em que encontramos um restrito equilíbrio entre mulheres e homens autores, demonstrando que a preocupação com a abordagem da morte para as crianças através da literatura não sofre tais nuances. Entretanto, o que está presente em todos os livros abordados é a focalização da relação entre vó e neto, mesmo quando estão representados por animais, como é o caso do livro “Vovô virou árvore”, que trata de uma família de tartarugas, e de “Um senhor amigo”, que trata da relação entre um galo e seu neto

frango². Esta relação é sempre de companheirismo, alegria, compreensão e, até, ternura. Trata-se de uma interação apresentada de forma positiva, que às vezes preenche a maior parte do texto. Assim, os avós contam histórias, tanto as vividas, quanto as da tradição oral ou mesmo tiradas de livros:

Eles [os netos] sabiam, porque vovô já tinha contado mil vezes. Mas adoravam ouvir tudo outra vez. Principalmente Albertina. (livro 3)

O vô contou, recontou e descontou não sei quantas vezes a história do Pavão Misterioso. (livro 5)

Entre os fios claros e dourados de seu xale moravam heróis, fadas e princesas encantadas, enquanto sacis, lobisomens e mulas-sem-cabeça viviam amarrados nos nós, tranças e bordados, e só eram soltos quando a minha vó queria. (livro 1)

Conhecem brinquedos antigos e os ensinam a seus netos:

Naquele dia, seu Mineli estava segurando um bilboquê. Seu Mineli conhecia brincadeiras que ninguém mais conhecia (livro 6)

Sabem ouvir e compreender seus netos:

O Denis gostava muito de contar suas descobertas e aventuras. O vovô David estava sempre pronto a escutá-las. (livro 13)

Lancham e jogam juntos:

Então sentávamos juntos para comer um pote de amendoim inteiro. Eu na cadeira e o vovô na poltrona dele. Pegávamos uma pequena mesinha e começávamos a jogar xadrez. Ele dizia, quase gritando: “Agora é a sua vez”. (livro 11).

Mas os pais, apressados, estavam um tanto diferentes. Nem queriam que o menino levasse em sua mochila o jogo de damas. “Ué”, pensou Rafael, “será que eles não querem que eu jogue com o vô? Hummm...” (livro 9)

Ensinam coisas da vida – ou antigas práticas, de uma forma que interessa aos netos:

A menina adorava passear pelo jardim.

- Estas são espécies comuns – o vô dizia. – Tem em todo canto. Ali eu tenho algumas espécies raras. Mas há muitos e muitos anos que eu procuro a rosa azul. (livro 7)

Tavico não via a hora de voltar da escola para ajudar o avô. Ao chegar em casa, já encontrava um bando de figuras prontas (...) Na parte da tarde, o neto ajudava. E, depois de algum tempo, Tavico passou a criar as próprias figuras. (livro 5)

Preparam gostosuras:

Fazia coisas gostosas como seu famoso bolo de chocolate. (livro 4)

²

A partir de agora, referiremos os livros pelo número correspondente ao da lista ao final do trabalho.

Permitem que os netos revirem seus guardados:

Menina Nina adorava abrir suas velhas caixas, que antes guardavam bombons, biscoitos da Dinamarca ou pedaços de segredo. Vovó Vivi tinha mil caixas, latas e caixinhas coloridas e bordadas, guardadas por toda a casa, que tinha virado – exata – uma casa de avó. (livro 14)

Neste dia, o vô deixou que a menina mexesse no seu armário. Ela não entendia como o vô fazia pra caber tanta coisa. Tá certo que era um armário enorme, mas não tão grande assim que pudesse caber... (livro 5)

Apenas em 3 obras, não há uma descrição de momentos prazerosos entre netos e avós; no livro “Vovô me deu um bolo” (livro 10), a narração se situa após a morte do avô e trata de um sonho em que o menino reencontra, no céu, o avô, numa situação de festa de aniversário. Já em “Vovô e Pacífico” (livro 02), que foge ao tom dominante da maioria das obras, a grande temática é a amizade entre o vovô e Pacífico – um velho cachorro – que ameniza a solidão do velho, o qual está cada vez mais ranzinza e temeroso da própria morte. O livro assim inicia;

Vovô se sente só. Cada vez mais só. Enormemente só. Inacreditavelmente só. Vovô está muito doente e já notou que as coisas não vão bem. (...) Por que ele se sente só? Porque ele sente que vai morrer e vovô está com medo de morrer. (livro 2)

O foco da obra está no apoio e compreensão mudos que o cachorro dá ao velho, o qual até chega a falar com o animal. Ainda que o narrador seja em primeira pessoa – é o menino que narra – e haja, em uma ilustração, o que parece ser a imagem de um filho adulto (talvez o pai do narrador), não há referência ao sucesso de um apoio familiar, talvez porque, como afirma este narrador, “Vovô anda insuportável. Reclama de tudo. Reclama de todos. Volta e meia está num canto qualquer chorando, pensando na morte e chorando”. Aliás, o próprio narrador menino caracteriza o cão como “aquele que restou depois que todos nós desistimos de vovô ou paramos de tentar animá-lo, enchê-lo de esperanças que todos sabem ser inúteis até por não sabermos o que dizer nessa hora”.

Obra pessimista, “Vovô e Pacífico” apenas vagamente pode ser relacionada a uma outra, em que não há propriamente referências a um convívio positivo e enriquecedor entre avô e neta – “O guarda-chuva do vovô” (livro 8). Livro dos mais econômicos quanto ao texto verbal, mas cheio de ilustrações sugestivas e poéticas, aqui a narradora é a netinha que lembra as visitas que fazia ao casal de avós; entretanto, se “A vovó fazia bolo de chocolate para o lanche” e chamava o vovô, este não vinha porque não gostava de bolo de chocolate, assim

como nunca abria a janela do quarto, porque não gostava do barulho debaixo da janela, nem de que ela (a netinha) brincasse com seu guarda-chuva. Mas o vovô sorri um dia, frente à observação da netinha de que o vovô estava encolhendo...

Possivelmente, também na busca de uma empatia maior com a criança leitora e por se tratar, como se informa em alguns paratextos, de narrativas frequentemente inspiradas em experiências pessoais dos autores, em vários livros encontramos o narrador em 1ª pessoa. Em 9 dos 14 livros, lança-se mão de uma voz narrativa que relembra e conta para os leitores fatos narrados como se a envolvessem:

E um dia aquele grande ovo chamado vovô David se quebrou. Assim, não temos mais o nosso ovo. Mas... ficamos com tudo o que vovô David nos passou. (livro 13)

Um dia, que até hoje me parece de repente, esta minha avó ficou doente e meu pai saiu correndo com ela num táxi, para o hospital. (livro 1)

Meus pais queriam ir correndo visitar o vovô. Mas eu disse que antes precisava passar em casa. No começo eles estranharam e disseram não. Expliquei que precisava de folhas, lápis e meu violão. (livro 11)

Outra observação interessante é a que diz respeito ao gênero dos avós que morrem: das 14 histórias, em 11 é a morte do avô masculino que é focalizada, ainda que no mínimo em um caso, o avô já seja viúvo. E, se nos perguntarmos pelo gênero do neto que é representado como o mais próximo ao avô, avó, temos igual número de meninos e meninas, havendo referências cruzadas de proximidade: neto próximo da avó, neta próxima do avô.

Aliás, pode-se perguntar sobre o lugar onde moram estes avós personagens que morrem nas histórias. Nem sempre esta informação é considerada relevante pelos narradores, mas daquelas obras em que é possível recuperar este detalhe, verifica-se que há um predomínio de avós que moram com suas parceiras ou, em 5 casos, de avós (que não aparecem com parceiros) e que moram com filhos adultos e netos. Em dois casos, esta última situação suscita a emergência de uma nova temática: enfatizam-se os elos entre avós e netos, mas aponta-se a irritação dos adultos (filhos ou noras) com alguns hábitos, atividades do velho.

A súbita aparição da filha desandou o barro. O velho, muito desenhavido, parou de girar o torno. Era ver criança apavorada diante de mãe megera.

- O que o senhor tem na cabeça, meu pai? Olha a sujeira que vocês fizeram no quarto. Tem barro até nos pelos do Pitoco! Veja! (livro 5)

Por outro lado, se à amizade e ao companheirismo entre avós e netos se abre espaço e farta exemplificação, à própria morte se dá pouco espaço nas narrativas, talvez em função da própria dificuldade histórica de sua abordagem. Não há descrições de mortes nas obras, simplesmente. Talvez o único personagem que morra frente aos nossos olhos seja o vovô tartaruga que “rolou, rolou, rolou. Bateu a cuca nos seixos. Torceu o pescoço. Arregalou os olhos. Deu um suspiro... e morreu” (livro 3). Mas exatamente por se tratar de um personagem animal, esta descrição possa parecer mais palatável para o leitor criança. Efetivamente, nem sempre se chega a utilizar a palavra “morte” ou “morrer” para contar o “falecimento” do personagem, como já vimos no caso do livro “O ovo e o vovô” (livro 13), em que se usa a metáfora do ovo que quebra. Vejamos outros exemplos em que ou são utilizados eufemismos, ou metáforas, ou simplesmente a narrativa elide o fato:

Passaram-se os anos e numa fria manhã ela se foi. (livro 4)

- Você não vai embora? Não vai morrer? Reanimou-se o neto, passando a costa da mão nas lágrimas que rolavam pelas faces.

- Vou-me transformar em borboleta.

Riram os dois com o dito. (...)

- Vamos trabalhar no barro? Convidou o neto.

- Vamos – concordou o avô.

Passou-se quase um ano até chegar o momento da viagem prevista. Tavico quis chorar, ficar jururu, mas lembrou-se do trato. Tomou conta do torno e seguiu fazendo o que aprendera. (livro 5)

Sentou-se no colo do vô, escarafunchou os dedinhos na barba, enrolou e puxou os fios bem devagarinho com a ponta das unhas... E nada do *era uma vez* começar.

- Ele já estava muito velhinho, querida – a mãe explicou. (livro 7)

Quando a porta do seu quarto foi aberta finalmente com força e ansiedade, lá dentro, Vovó dormia serena como viveu.

Vovó dormia para sempre. (livro 14)

Em apenas três das quatorze obras, há alusão ao hospital, à internação do vô ou da vó, mas em nenhuma das obras chega a haver referência a qualquer sofrimento ou agonia e, dificilmente, à presença da criança neste ambiente. Um telefonema para os pais do neto ou neta, a preocupação dos pais, adultos procurando esconder a doença ou a morte e brevemente a situação dramática se encaminha para o desfecho mortal.

E como se explica a morte, enfim, para os netos que conviveram com avô ou avó? Vejamos algumas passagens.

- Sua avó foi para o céu.

- Quem morre vai para debaixo da terra.

Achei tudo aquilo muito confuso e fui perguntar para o meu avô, que sempre sabia de tudo.

- Vô, minha avó pegou aquele xale mágico dela, fez asas dele e foi voando para o céu?

- Acho que sim. Mas não importa aonde ela foi. O importante é que ela mora no seu coração. (livro 1)

- Nunca mais vou ver o vovô? – Albertina perguntou, com chuva no coração. – Para onde ele vai?

- O vovô será devolvido à natureza – disse vovó, enxugando uma lágrima que escorria em seu nariz. – Ele será recoberto por folhas e flores, vai virar nuvem, vai virar chuva, vai virar árvore. (livro 3)

- Vó, cadê o vô? Cadê o vô? Onde ele está?

- Rafael, esta manhã o vovô virou uma estrela.

- Como? Em plena luz do dia? (...)

- Filho, o vovô virou um anjo – disse Heitor.

- Calma lá... virou anjo ou estrela? (livro 9)

Mamãe disse que ele estava no céu, que tinha ido viajar, que lá de cima podia me ver, mas que não ia mais voltar. (livro 10)

[Mamãe} contou que o vovô tinha ido para o paraíso. Outra vez perguntei se, no tal paraíso, o vovô não ia se sentir sozinho longe da gente; Mas mamãe disse que ali ele encontraria as outras pessoas que ele também amava e já morreram (...) (livro 11)

O pai de Ricardinho, percebendo a tristeza do filho, contou-lhe que a morte era um processo natural da vida e que o mais importante era o que fazíamos para as pessoas enquanto elas estavam junto de nós. (livro 6)

Encontramos aqui - às vezes de uma maneira francamente pedagógica, que mina qualquer pretensão literária da obra, como no caso do livro 6, às vezes em diálogos mais verossímeis em que o adulto dialoga com a criança - explicações que se filiam a uma visão naturalista (morte como processo natural de transformação) ou a uma tradição cristã, matizada pelas tradicionais explicações para as crianças: viagem, céu, estrela, anjo.... É interessante que alguns livros ousam trazer um contraponto a esta visão ingênua, digamos, como é o caso do diálogo do livro 1, em que o pai, representando a racionalidade, afirma que quem morre vai para baixo da terra. Entretanto, há obras que tomam diretamente como tema a questão da explicação da morte. Vejamos os dois casos.

Em “Vovô foi viajar”, livro 12, encontra-se, em texto mais desenvolvido, uma sucessão de explicações evasivas, por parte da família, à pergunta da menina: - Por que o vovô não vem mais aqui em casa?, a começar pela mãe: o vovô foi fazer uma viagem muito longa, vovô viajou de trem, viajou de avião, foi para o céu... Ao ouvir as respostas, a menina esperta vai formulando contra-respostas a si mesma, elaborando inferências a ponto de

concluir: “Entrei na sala e fui explicar a eles que, de verdade mesmo, meu avô tinha morrido”.

Já em “Menina Nina – duas razões para não chorar”, livro 14, livro bastante conhecido no cenário brasileiro, o narrador fala com a netinha desconsolada com a morte repentina da vó amada, dizendo que há duas razões para que ela não chore: se, além do sono que a vovó está dormindo, não existe nada mais, a vovó estaria em paz; entretanto, se há um outro mundo, a vovó a está acompanhando e vendo seu crescimento.

Duas palavras finais podem ser ditas sobre a análise feita. Em primeiro lugar, habita a maioria das obras analisadas a expressão de sentimentos de tristeza, de falta, de busca de consolo e de explicações... às vezes amenizada pelo apego a um objeto deixado pelo vó, vó, como é o caso do guarda-chuva (livro 8), de uma casa de bonecas (livro 7) ou um ser que o-a simboliza – a borboleta, no livro 5. Entretanto, há pouco espaço para despedidas – eventualmente, ela pode vir em forma de sonho em que há um reencontro com o avô (livro 10). Parece que esse processo - tão doloroso - precisa ser apagado das histórias para crianças.

Fechando as pontas

É com breves palavras que fechamos este sobrevoo sobre quatorze obras infantis brasileiras dos últimos quinze anos que tematizam a morte de avós. Sem dúvida, corroborando estudos já mais antigos, um dos tópicos recorrentes é a presença da memória e do legado (de histórias, sabedoria, retidão de caráter, bom humor, otimismo..) que os avós deixam para seus netos. Com poucas exceções se cumpre, de forma geral, o esquema narrativo que Díaz (1996), se amparando em Sadler, identificou em livros que mostram a morte de avós: 1. A relação entre o neto e o avô; 2. A doença do avô; 3. A morte do avô; 4. A dor e a recuperação da criança (DÍAZ, 1996, p. 8). Entretanto, é preciso apontar que, no caso dos livros brasileiros, quase não há a exploração do momento 3 – da doença e decrepitude – talvez no intuito de “poupar” as crianças de passagens difíceis e construir apenas um panorama idílico e consolador. Também a exemplo dos achados de Paiva (2008), encontrou-se com frequência a utilização de explicações de caráter místico e, eventualmente, poético, para explicar algo que talvez nem nós consigamos entender.

Para finalizar, recorremos ao que Díaz (1996, p. 10) observa, em relação ao que nos parece importante na abordagem do tema; afirma ele que “o tema da morte exige em nossos dias um tratamento diferente, mais direto, mais poético, mais psicológico, mais comum e contemporâneo”. E enfatizariamos: sem perder o caráter literário e enveredar pelo didatismo e aconselhamento direto empobrecedores.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Vera Teixeira de. A morte na literatura: da tradição ao mundo infantil. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (orgs.). *Heróis contra a parede*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010. P. 23-42.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. São Paulo: Global, 2003.

DIAZ, Fanuel Hanán. Variações sobre o tratamento dado ao tema morte na literatura infantil. *Revista latino-americana de Literatura Infantil e Juvenil*. Bogotá. n. 4, jul-dez de 1996. P. 2-11.

ELIAS, Norbert. Envelhecer e morrer. In: _____. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LOTTERMAN, Clarice. Quando a morte seduz: o suicídio na literatura para crianças e jovens. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (orgs.) *Heróis contra a parede*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010. P. 43-72.

NERI, Anita Liberalesso; NOGUEIRA, Eliete Jussara. Como a velhice é apresentada às crianças, em textos de literatura infantil brasileira. *Pro-Posições*. Campinas. V. 5, n. 1 (13) março de 1994. P.45-60.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. *Infância e velhice atadas pela literatura infantil*. Disponível em <http://graudez.com.br/litinf/trabalhos/ufrj1.htm> Capturado em 16 de março de 2012.

PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças: onipresença e ausência de temáticas. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (orgs.) *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 35-52.

Livros de literatura infantil analisados

1. ALBISSÚ, Nelson. *Avôs e avós*. Ilustrações: Andréa Vilela e Mirella Spinelli. São Paulo: Cortez, 2005.
2. BRAZ, Júlio Emílio. *Vovô e Pacífico*. Ilustrações: Marcelo Garcia. São Paulo: Duna Duetto, 2007.
3. CHAMLIAM, Regina; ALEXANDRINO, Helena. *Vovô virou árvore*. São Paulo: Edições SM, 2009.
4. DEL CAMPO, Guilherme; DEL CAMPO, Marilda. Ilustrações: Cláudia Ramos. *Uma vovó italiana*. São Paulo: Paulinas, 2000.

5. GALDINO, Luís. *Quando vovô virou borboleta*. Ilustrações: Sérgio Palmiro. São Paulo: Saraiva, 2003.
6. HONORA, Márcia. *Um senhor amigo*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
7. MARTINS, Mauro. *O quarto do meu avô*. Juiz de Fora: Franco Editora, 2003.
8. MOREYRA, Carolina. *O guarda-chuva do vovô*. São Paulo, Difusão Cultural do Livro, 2008.
9. RIBEIRO, Jonas; PRADO, Zuleika de Almeida. *Virando estrela*. Ilustrado por Alessandra Tozi. São Paulo: Mundo Mirim, 2010.
10. RIGUEIRA, Luciana; TEIXEIRA, Elisabet. *Vovô me deu um bolo*. São Paulo: Paulinas, 2006.
11. SARUÊ, Sandra; BOFFA, Marcelo. *A poltrona vazia*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2005.
12. VENEZA, Maurício. *Vovô foi viajar*. Belo Horizonte: ed. Compor, 1998. (PNBE 2008??)
13. WAJMAN, Simone Schapira. *O ovo e o vovô*. Ilustrações: André Neves. São Paulo: Paulinas, 2007.
14. ZIRALDO. *Menina Nina – duas razões para não chorar*. São Paulo: ed. Melhoramentos, 2002.